

Diversidade crítica e literária no Suplemento Literário do Minas Gerais (1966-73): ruptura de fronteiras¹

Haydée Ribeiro Coelho | UFMG

Resumo: O tema, a ser abordado, evidencia de que modo o *Suplemento Literário do Minas Gerais* ultrapassava o local/nacional. Para isso, situa o contexto em que surge essa publicação; apresenta, de forma sucinta, os estudos existentes sobre o *Suplemento* e toma como ponto de partida alguns dos textos da poeta e ensaísta Laís Corrêa de Araújo.

Palavras-chave: Crítica; Literatura; *Suplemento Literário do Minas Gerais*.

*Suplementos literários: até dá enjão falar neles. Que retrato falso costumam oferecer da literatura! Entretanto, têm função importante a executar no quadro cultural do país. Se não se executam, a culpa é de quem os faz, não da fórmula jornalística. O SL de Minas põe o jornal a serviço da literatura e das artes, mediador entre a criação e o consumidor, e o faz com dignidade e imaginação. Merece ser lido.*²

1. Esse texto é parte do desenvolvimento do meu projeto financiado pelo CNPq: Literatura, Cultura e Interlocação Latino-Americana no *Suplemento Literário do Minas Gerais* e no *Semanário Marcha* (1966-73): Confrontos.
2. Carta de Carlos Drummond de Andrade a Murilo Rubião. Acervo de Escritores Mineiros, Universidade Federal de Minas Gerais, [s.d.].

O Suplemento Literário do *Minas Gerais* surgiu em 1966, tendo o escritor Murilo Rubião como seu organizador e editor. Publicado em o *Minas Gerais*, não se restringiu ao local, abrindo-se à colaboração de escritores de outras nacionalidades, outros países. Considerando esse aspecto, esse trabalho procura mostrar que a publicação mencionada apresenta uma diversidade de sistemas literários, tais como: a literatura brasileira (âmbito nacional e regional) e outras literaturas. Nesse sentido, o Suplemento formava um público e uma consciência crítica que ultrapassava as fronteiras locais e nacionais.

O primeiro número do Suplemento foi lançado em Belo Horizonte, em 3 de setembro de 1966. Circulava semanalmente, era vendido aos sábados, e buscava “inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música”.³

Na edição de lançamento, no texto introdutório da publicação, o local e o universal já apareciam aí situados. O Suplemento procurava ser fiel ao local, sem perder, no entanto, a dimensão mais geral da cultura, conforme o trecho:

Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim como no estilo de julgar e escrever, como na escolha do material publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos até conjura o perigo do provincianismo.⁴

Tratar da diversidade literária no Suplemento Literário do *Minas Gerais* pressupõe situar o contexto em que surge e apresentar, de forma sucinta, os estudos existentes sobre essa publicação. Esse quadro mais geral permitirá focalizar, de forma específica, o tema a ser abordado.

Esse estudo abarca os anos 60 e 70, correspondentes a um período de grandes transformações político-culturais no Brasil e na América Latina. Fazendo um balanço dos anos de autoritarismo no Brasil, a ensaísta Flora Süssekind afirma que até 1968, “curiosamente, houve certa liberdade inclusive para a produção engajada. A estratégia do governo Castelo Branco foi, por um lado, expansionista – superdesenvolvimento dos meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão; por outro, até liberal com relação à arte de protesto

3. Apresentação. In: Suplemento Literário, n. 1, p. 1, 1966.

4. Apresentação. In: Suplemento Literário, n. 1, p. 1, 1966.

e à intelectualidade de esquerda, desde que cortados seus possíveis laços com as camadas populares”.⁵

A respeito da mesma estratégia, Roberto Schwarz comenta que: “Cortadas naquela ocasião as pontes entre o movimento cultural e as massas”, o governo Castelo Branco não impediu a “circulação teórica ou artística do ideário esquerdista, que embora em área restrita floresceu extraordinariamente”.⁶

Focalizando a ideologia da cultura brasileira, ao abordar o período histórico entre 1965-1969, Carlos Guilherme Mota aponta esse momento como sendo o de revisões radicais e aberturas teóricas. Dentre essas revisões, destaca: a *Revista Civilização Brasileira* (1965-1968) e a atuação crítica de Ferreira Gullar, Dante Moreira Leite, Roberto Schwarz e Antonio Candido. Ressalta também os impasses da dependência cultural entre 1969 e 1974.

Tendo se debruçado sobre a ideologia da cultura brasileira entre 1933 e 1974, Carlos Guilherme Mota chama a atenção para o fato de a ciência e a tecnologia científica, como fatores de modernização autônoma, coexistirem em meios sociais tão conservadores e “mais ou menos apáticos”.⁷ Nesse contexto, a discussão da dependência mobiliza vários intelectuais que refletiram sobre a ordem econômica imperialista e o compromisso do intelectual diante desse novo quadro.

Em relação ao Suplemento Literário do *Minas Gerais*, pode-se dizer, com certeza, que são escassos os estudos existentes sobre essa publicação. No âmbito da crítica, destaco o ensaio de E. M. de Melo e Castro⁸ e o livro de Luiz Claudio Vieira de Oliveira.⁹

No primeiro estudo, o poeta delinea a presença da literatura portuguesa no Suplemento Literário, propondo a seguinte sistematização: textos originais e de autores portugueses (textos criativos: poemas, contos e excertos de romances; textos críticos e/ou teóricos sobre a literatura brasileira); entrevistas realizadas por autores brasileiros a autores portugueses e textos críticos e/ou teóricos de autores brasileiros sobre temas, autores ou obras de língua portuguesa. A segunda publicação está voltada para a recepção crítica de

5. SÜSSEKIND, 1985, p. 13.

6. SCHWARZ, Roberto, apud SÜSSEKIND, 1985, p. 13.

7. MOTA, 1978, p. 273.

8. MELO E CASTRO, 1995. p. 65-71.

9. OLIVEIRA, 2002.

Guimarães Rosa no Suplemento Literário, oferecendo ao leitor uma bibliografia comentada dos textos críticos divulgados entre 1968-1996.

A diversidade crítica e literária do Suplemento Literário do *Minas Gerais* coloca várias dificuldades ao estudioso, suscitando escolhas e corte no “corpus” analítico. Nesse sentido, esse estudo toma como ponto de partida os textos de Laís Corrêa de Araújo. Poeta, ensaísta, tradutora e fundadora do Suplemento Literário do *Minas Gerais* manteve uma coluna intitulada “Roda Gigante” entre 1966 e 1969. A ensaísta estava voltada para o ritmo dos textos, para o “movimento normal dos livros quando em torno do eixo da inteligência e da imaginação dos que sabem amá-los”.¹⁰

Considerando alguns dos textos divulgados em 1969, por exemplo, verifica-se que, na primeira parte da coluna, aparecem resenhas sobre obras de autores brasileiros como: Gilberto Freyre, Murilo Mendes e poetas novos que escreviam em diferentes partes do Brasil. No âmbito internacional, salientem-se os estudos da poeta mineira sobre Pablo Neruda, Tennessee Williams, Umberto Eco, etc. Essa variedade de autores e de textos é suficiente para mostrar como Laís Corrêa de Araújo estava atenta às publicações nacionais, aos autores latino-americanos divulgados no Brasil, às traduções de textos estrangeiros e à produção poética de grupos novos.

Se essa heterogeneidade de estudos no âmbito da primeira parte de “Roda Gigante” já demonstra uma preocupação da ensaísta em fornecer informações sobre obras de diferentes naturezas, não só literárias, o que dizer da multiplicidade dos textos que estão justamente na segunda parte da coluna, intitulada “Informais”?

Em “Informais”, a ensaísta divulgava o lançamento de traduções de peças de teatro; de textos de caráter filosófico, de psicologia, de livro de entrevistas (Drummond, Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Clarice Lispector, Di Cavalcanti, Câmara Cascudo e outros); de romances, de poemas e de estudos críticos diversos.

Dentre esses últimos lançamentos, cabe-me destacar livros que, naquele momento político brasileiro, poderiam ser vistos com restrições por parte da censura como: *Literatura e vida nacional*, de Antonio Gramsci; *Quatro séculos de latifúndio*, de Alberto Passos Guimarães; *América, mito e violência*, de Newton Carlos, José Honório Rodrigues, Arthur José Poerner e Candido

10. ARAÚJO, 3 maio 1967.

Mendes e *O processo civilizatório*, de Darcy Ribeiro (texto antropológico de um exilado brasileiro, recém-chegado do Uruguai e encarcerado durante nove meses no Brasil).

A propósito da *Literatura e vida nacional*, de Antonio Gramsci, é importante destacar a perspectiva da autora de *Cantochão*:

Em *Literatura e Vida Nacional*, o famoso pensador Antonio Gramsci, autor de *Concepção Dialética da História*, elabora as bases de uma sociologia marxista das atividades intelectuais, detendo-se particularmente, na análise das realizações artísticas e literárias italianas. Defendendo a tese da necessidade do reencontro da cultura e das artes com os problemas da vida nacional do povo, esse seu último livro coloca em debate temas e questões que muito se assemelham com os que ocorrem na vida cultural brasileira, onde se fala também em participação! Seu ensaio estabelece uma diferença entre a crítica estética e a crítica cultural-política da literatura, mas é indiscutível que seus estudos são, na maioria dos casos, um exemplo deste segundo tipo de crítica, ligado mais à sociologia do que à estética, embora com corretas intenções a respeito das limitações do sociologismo e do historicismo abstrato. Trata-se, de qualquer forma, de obra que precisa ser conhecida, pelos problemas que levanta. O selo editorial é da Civilização Brasileira.¹¹

A defesa do estético como “revolução permanente” já se encontrava em um comentário sobre *Arte e alienação: o papel do artista*, de Herbert Read:

Nesse livro, além de teorizar a função das artes na sociedade contemporânea, o autor se preocupa em examinar o papel particular que tiveram os criadores Van Gogh, Kandinsky, Henry Moore, Matisse, Nicholson, Bosch e Grünewald. Trata-se como se vê, de obra importantíssima para a conceituação da arte como uma revolução permanente.¹²

A crise burguesa e a função do escritor aparecem também comentadas por Laís Corrêa de Araújo com base em *Literatura e Humanismo*, da autoria de Carlos Nelson Coutinho,¹³ crítico marxista.

11. ARAÚJO, 5 abr. 1969. p. 11.

12. ARAÚJO, 3 maio 1967, p. 11.

13. ARAÚJO, jan. 1968, p. 11.

A diversidade crítica e literária, que aparece na coluna “Roda Gigante”, também se manifesta em vários outros textos ensaísticos sobre a narrativa, a poesia e a crítica. No Suplemento, Laís Corrêa de Araújo, no âmbito da ficção, enfocava autores nacionais que já pertenciam ao cânone brasileiro (Graciliano Ramos, Lima Barreto, Guimarães Rosa, Machado de Assis); escritores que estavam escrevendo no momento, mas que já tinham prestígio nacional (Nélida Piñon, Murilo Rubião e Clarice Lispector) e novos contistas mineiros como: Oswaldo França Júnior e Luiz Vilela. Tratava-se de um período em que o conto alcança um grande prestígio. No âmbito da poesia, ressaltam-se seus estudos sobre João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond de Andrade, Mário Faustino, José Paulo Paes, Décio Pignatari e Emílio Moura.

Ao tecer comentários sobre textos teóricos, a responsável por “Roda Gigante” enveredava-se pela metacrítica, abordando críticos de tendências distintas como o Estruturalismo e a Sociologia do romance, alvos de polêmica no momento, como bem demonstrou Flora Süssekind em *Literatura e vida literária*. No entanto, transcendia esses debates, apresentando, na roda dos textos, os vários eixos da crítica brasileira.

O Suplemento Literário, em consonância com o destaque concedido à literatura latino-americana naquele período, também abrigou textos de autores hispano-americanos. Laís Corrêa de Araújo participa da divulgação dessa literatura com ensaios críticos, traduções e seleção de textos. Em 6 de maio de 1967, ao focalizar o romance do boliviano Augusto Céspedes,¹⁴ constata que, no Congresso do Pen Club, realizado em Nova York, houve um debate sobre a função do escritor na América Latina e que o ficcionista uruguaio Carlos Martínez Moreno tinha salientado o desconhecimento recíproco dos escritores sul-americanos. Para a ensaísta, era uma verdade incontestável que devia ser superada. A tradução feita no Brasil do romance de Augusto Céspedes (*Metal do diabo*) ajudava a divulgação da literatura latino-americana.

Em relação ao romance comentado, mostrava que “a crítica intencional ao imperialismo, encarnado na figura de Zenon Omont tende a deformar e a empobrecer o objeto estético que seria o romance como totalidade literária”. Assim, mesmo admitindo a necessidade de um intelectual comprometido com a realidade político-cultural do país e da América Latina, valorizava a elaboração estética dos textos. A poeta dedicou-se também ao

14. Cf. ARAÚJO, 6 maio 1967.

estudo de outros autores latino-americanos como Gabriel García Márquez¹⁵ e Pablo Neruda.¹⁶

Outras literaturas como a francesa, a de expressão inglesa e a portuguesa, foram abordadas pela poeta mineira. As entrevistas com Michel Butor, Tzvetan Todorov e Ana Hatherly atestam o olhar da escritora que se lança para o dentro e o fora.

No diálogo com Michel Butor, Laís Corrêa de Araújo mostrava como a literatura francesa era recebida do lado brasileiro. Em contrapartida, indagava sobre o conhecimento que os franceses tinham a respeito de nossa literatura. A propósito desse aspecto, o escritor francês afirmou:

– Tive ocasião de conhecer, pessoalmente diversos escritores brasileiros, aliás, já conhecia antes, de leitura. É bom que se saiba que há diversos autores traduzidos na França, destacando-se entre eles, Guimarães Rosa, com três obras traduzidas. Embora não conheça o português, pude perceber, porém que o romancista do *Grande Sertão: Veredas* não foi bem traduzido, não se tendo conseguido captar integralmente o espírito de sua linguagem. Quanto aos poetas, conheço o grupo de poesia concreta de São Paulo, com o qual mantenho correspondência já há mais tempo, apreciando realmente a atividade que os concretistas realizam, no campo da pesquisa, da invenção. Deles conheço ainda os trabalhos de tradução, que vêm realizando, traduções realmente bem feitas, diria mesmo admiráveis.¹⁷

Em “Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly” – escritora, poeta, crítica de música e da arte de Portugal – uma das figuras mais expressivas do movimento de Vanguarda “Poesia Experimental”, Laís lhe pergunta sobre a vida cultural brasileira.

A autora de *Um ritmo perdido* (1958); *As aparências* (1959); *A Dama e o Cavaleiro* (1960) e *Nove incursões* (1962), responde:

– Culturalmente achei o país em grande atividade, com grande interesse nessa atividade. A minha permanência não foi, porém, suficientemente

15. Cf. Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 6 mar. 1970.

16. Cf. Suplemento Literário do *Minas Gerais*, jan. 1969.

17. ARAÚJO, 3 maio 1967.

longa nas cidades que visitei – Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Ouro Preto, Salvador, Recife – para me aperceber com justeza de vigor das atividades culturais nesses Estados do Brasil. Mas pareceu-me que é em São Paulo e em Belo Horizonte que existe o mais intenso movimento cultural. Ele existe, também, naturalmente, no Rio de Janeiro e mesmo em Brasília, mas de outro modo, segundo me pareceu. O que mais me encantou em Belo Horizonte, por exemplo, foi a possibilidade de contatar com jovens escritores. É através da vanguarda intelectual dum país que se podem avaliar as suas possibilidades futuras e o que me foi dado conhecer em Minas encheu-me de certeza de que pelo menos nas letras, o futuro do Brasil se apresenta brilhante. Quanto ao ambiente das universidades que visitei, esse foi o mais estimulante possível para mim. O contato foi fácil e, mais que isso, intenso. Verifiquei que o interesse dos jovens pela cultura é enorme. A sua vontade de conhecer não tem limites, o que me leva a desejar para todos os jovens brasileiros que semelhante estado de espírito encontre todas as oportunidades de afirmação e realização de quem vai necessitar.¹⁸

Na entrevista, que Todorov concede a Laís Corrêa de Araújo, a poeta mineira indaga sobre a visão que o crítico tem da literatura produzida nos países da América Latina:

– Paris é considerada a capital intelectual do mundo. No entanto, você nos disse ontem que os franceses são ignorantes quanto a outros autores ou livros estrangeiros. Essa “ignorância” vai ao ponto de supor que os países da América Latina não têm uma literatura válida, de vanguarda, e que somos ainda uma corrente pobre do que se faz na Europa?

– Você é que afirma que Paris é a capital intelectual do mundo, não eu... Quanto à criação, à invenção, por exemplo, não é. O que há é que, no momento, é em Paris que se concentram as maiores preocupações com a “literatura sobre a literatura”. Quanto à ficção, à poesia, ao contrário, a França é que tem recebido influências do resto do mundo, ultimamente muito de autores como Borges e Cortázar (que conheço pessoalmente). A literatura da América Latina não é, acredito, nenhuma corrente ou derivação da literatura européia, mas antes vem impondo ou deve impor, ao mundo, o seu trabalho construtivo. A poesia concreta no Brasil é um fato altamente positivo e importante, também. Se há dificuldades, isto decorre mais de

18. ARAÚJO, 4 mar. 1969.

nossa “ignorância”, de problemas talvez de divulgação, de problemas de língua, não de linguagem, coisas que serão superadas, como vêm sendo por imposições de qualidade.¹⁹

A necessidade de conhecer e a divulgação da literatura brasileira no exterior encontram-se mostradas também na entrevista que Fernando Camacho (professor e tradutor, chefe da Seção Luso-Brasileira na Universidade Essex) concede a Rui Mourão.²⁰ Nessa entrevista, há o destaque do papel do tradutor na divulgação de um sistema literário.

A transcendência de fronteiras focalizada pela diversidade crítica e literária pode ser ainda constatada no acervo bibliográfico e documental de Murilo Rubião que se encontra na Biblioteca Central da UFMG, no Acervo de Escritores Mineiros. Dentre os vários documentos de que dispõe, existem inúmeras pastas, abrigando uma correspondência diversa, organizada pelo autor de *A casa do girassol vermelho* (1978).

Um primeiro olhar sobre a correspondência do autor sobre o Suplemento Literário do *Minas Gerais* revela que as cartas vinham do Uruguai, do Paraguai, da Venezuela, dos Estados Unidos, de Portugal, da Espanha e de várias regiões do Brasil, incluindo o eixo Rio-São Paulo. Igualmente, a recepção do “Suplemento Literário” nos Estados Unidos e a indexação do mesmo no índice anual da Bibliografia Internacional da “Modern Language Association” reiteram seu caráter transcendente.²¹

A carta do poeta e crítico Afonso Romano de Santana (Universidade da Califórnia, Los Angeles) para o diretor do Suplemento assume um caráter paradigmático nesse sentido. Veja-se o fragmento do texto comentado:

Tenho recebido os suplementos. Tenho-os, por outro lado, distribuído com os meus alunos na UCLA. E gostam, sabe? Devia ter lhe escrito antes. O suplemento é realmente excelente. Dos melhores que se tem feito no país. Ainda hoje recebi carta do Silviano Santiago, de New Jersey, dizendo-

19. ARAÚJO, 15 nov. 1969. Trata-se de uma entrevista concedida por ocasião do lançamento do livro traduzido *As estruturas narrativas*, realizada pela editora Perspectiva.

20. MOURÃO, out. 1969, p. 5.

21. Veja a nota “Suplemento Literário incluído em Bibliografia Internacional”. Cf. Suplemento Literário do *Minas Gerais*, 7 jun. 1969, p. 10.

me da boa impressão que lhe causou. Acredito na função de tais publicações, principalmente junto às novas gerações. Foi em suplemento que eu comecei, e embora mesmo hoje não seja nada, foi ali que aprendi muito, ali que tive os meus primeiros rascunhos.²²

A recepção do Suplemento Literário instituiu uma rede de conexões. Essa publicação, incluindo “Roda Gigante”, propiciava o contato com o mundo da leitura e da leitura do mundo. A mediação entre o leitor e os escritos da poeta e ensaísta Laís Corrêa de Araújo se realizava de um modo singular pois a entrada no “mundo da leitura” ocorria também no espaço intervalar entre o público e o privado. É importante reiterar que Laís informava seu endereço residencial ao leitor, para que esse enviasse publicações, passíveis de serem comentadas por “Roda Gigante”.

Na medida em que o jornal divulgava traduções, fragmentos de livros traduzidos, comentava obras estrangeiras, acolhia outras vozes culturais. Essa multiplicidade não estava isenta do olhar local, pois textos produzidos por novos contistas e poetas de Minas eram publicados juntamente com textos sobre o Barroco e as Artes Plásticas em Minas.

A necessidade de um diálogo mais intenso entre o Brasil e a América Latina se fez sentir pela crescente produção literária publicada no jornal como: entrevistas, traduções e estudos críticos. O Suplemento descentrava os olhares para outros espaços, outros lugares, outras enunciações, além do eixo Rio-São Paulo, centros hegemônicos culturais do país. Sob a perspectiva internacional, o Suplemento construiu um espaço inovador de enunciação, abrigando, também, nas entrevistas, vozes de críticos e de escritores europeus que olhavam, de forma distinta, nossa cultura.

Se, em “Roda Gigante”, Laís Corrêa de Araújo se dirigia a um público mais próximo, o Suplemento ultrapassava as fronteiras nacionais, formando outros públicos em diferentes lugares. As vivências poéticas e críticas atingiam públicos diferenciados, cujo aspecto agregador ia além da etnia, da política, do gênero, exercitando, dessa forma, o jogo relacional da alteridade.

Ultrapassar o nacional/local e inserir outros sistemas críticos e literários no âmbito do Suplemento constituiu um dos grandes desafios dos

22. Carta de Afonso Romano de Santana a Murilo Rubião. Fonte: Acervo de Escritores Mineiros, pasta 39B, Los Angeles. O documento data entre 15 out. 1966 a fev. 1967.

editores e dos colaboradores dessa publicação. O leitor crítico do Suplemento, situado em outro tempo e espaço, precisa transcender a leitura fechada dos textos, estabelecendo relacionamentos com o passado e com o presente, o que é possível pela consulta a outras fontes de pesquisa como os acervos literários.

***Résumé:** Le thème abordé par ce travail met en évidence la manière par laquelle le Suplemento Literário du Minas Gerais dépasse les références locale/nationale. Pour cela, on situe le contexte dans lequel surgit cette publication; on présente succinctement les études existants sur le Suplemento, en prenant, comme point de départ, quelques textes du poète et essayiste Laís Corrêa de Araújo.*

***Mots-clés:** Critique; Littérature; Suplemento Literário du Minas Gerais.*

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Roda gigante: Romance boliviano. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 36, maio 1967. Suplemento Literário, p. 3.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Entrevista com Michel Butor. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 37, maio 1967. Suplemento Literário, p. 3.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Asturias: invenção e participação. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 69, dez. 1967. Suplemento Literário, p. 7.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Crise burguesa e a função do escritor. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 71, jan. 1968. Suplemento Literário, p. 11.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Roda gigante: Neruda – um grande poeta em seu tempo. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 124, jan. 1969. Suplemento Literário, p. 10-11.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Conversa (longa e agradável) com Ana Hatherly. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 131, mar. 1969. Suplemento Literário, p. 4.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Roda gigante: crueldade da guerra, crueldade do homem. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 abr. 1969. Suplemento Literário, p. 11.
- ARAÚJO, Laís Corrêa de. Para Todorov, o que interessa ao Estruturalismo é analisar o espírito de um sistema. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 168, 15 nov. 1969. Suplemento Literário, p. 1-2.
- CDROM Minas Gerais. Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte, Faculdade de Letras, 1999.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Carta a Murilo Rubião. Fonte: Acervo de Escritores Mineiros. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

MELO E CASTRO, E. M. Memória, fragmentos e recomposição. In: MIRANDA, Wander Melo. *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: UFMG, Centro de Estudos Literários da Faculdade de Letras – UFMG, 1995. p. 65-71.

MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-74)*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1978.

MOURÃO, Rui. Presença do Brasil na Inglaterra. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 162, out. 1969. Suplemento Literário, p. 5.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de. *Guimarães Rosa no Suplemento*. A recepção crítica de Guimarães Rosa no Suplemento Literário do *Minas Gerais*, Belo Horizonte: POSLIT, 2002.

SANTANA, Afonso Romano de. Carta a Murilo Rubião, Los Angeles, s./d. Fonte: Acervo de Escritores Mineiros. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

SUPLEMENTO LITERÁRIO do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, n. 1, p. 1, 1966.

SUPLEMENTO LITERÁRIO do *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 7 jun. 1969. p. 10.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*: polêmicas, diários e retratos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro do jornal*: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.